

O PAPEL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NAS COMUNIDADES DE IMIGRANTES ILEGAIS EM ISRAEL

THE ROLE OF EVANGELICAL CHURCHES IN THE COMMUNITIES OF ILLEGAL IMMIGRANTS IN ISRAEL

Tiago Rebello Perin¹

RESUMO

A religião é uma importante dimensão da vida em sociedade. Quando se estudam comunidades dispersas é possível notar como a religião, assim como outros meios de convívio, desempenha uma função relevante no processo de formação da identidade desses imigrantes/migrantes (SABAR, 2004, p. 408). No caso particular de Israel, por toda a conotação religiosa judaico-cristã atribuída ao Estado e à região, em especial pelas igrejas evangélicas que foram estabelecidas pelos trabalhadores imigrantes ilegais no país, o papel da religião na formação da identidade das comunidades imigrantes toma novos significados que merecem uma avaliação pormenorizada.

PALAVRAS-CHAVE

Igrejas evangélicas, Israel, Imigrantes ilegais, Latino Americanos, Africanos, Brasileiros, Chineses.

ABSTRACT

Religion is an important dimension of social life. When studying dispersed communities is possible to notice how religion, as well as other means of socializing, performs a relevant function in the process of identity formation of these immigrants/migrants (SABAR, 2004, p. 408). In the particular case of Israel, for all the judeo christian religious connotation attributed to the State and the region, especially by evangelical churches that were established by illegal immigrant workers in the country, the role of religion in identity formation of immigrant communities takes new meanings and deserve a detailed assessment.

¹ Mestrando do Programa de Pós- Graduação em Estudos Árabes e Judaicos da FFLCH-USP
tiago.perin@usp.br

KEYWORDS

Evangelical Churches, Israel, Illegal Immigrants, Latin Americans, Africans, Brazilians, Chineses.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo discorrer acerca do papel das igrejas evangélicas nas comunidades de imigrantes ilegais em Israel. Apresentaremos o caso das seguintes comunidades: latino-americana, africana, brasileira e chinesa, na região de Tel Aviv – Yafo, com objetivo de destacar o importante papel dessas igrejas nas diversas esferas da vida dos imigrantes durante sua permanência em Israel.

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica. Foram consultados artigos, capítulos de livros e publicações a respeito do assunto, sendo algumas delas fontes primárias oriundas do trabalho de campo baseado em entrevistas e até mesmo visitas às comunidades de imigrantes e às igrejas evangélicas dessas comunidades em Israel e na terra de origem de tais imigrantes.

2. O contexto e surgimento das comunidades de imigrantes ilegais em Israel

O Estado de Israel é definido como uma sociedade de imigrantes baseada em uma estrutura étnico-nacionalista, tanto ideológica quanto institucionalmente. Desde sua fundação em 1948, o Estado encoraja a migração de judeus e restringe a migração de não judeus. A Lei do Retorno (1950) e a Lei Israelense de Nacionalidade (1952) conferem aos judeus, respectivamente, o direito de imigração e a nacionalidade automática (KALIR, 2009, p. 133).

Israel consiste em uma sociedade etnicamente dividida com uma minoria de cidadãos palestinos, que apesar de gozarem do status de cidadãos perante à lei, na prática são subordinados política, social e nacionalmente (KEMP, 2009, p. 99).

Foi somente após a guerra de 1967 que o Estado passou a recrutar palestinos sem cidadania israelense, provenientes da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, como trabalhadores diaristas para tarefas braçais de baixa remuneração

e baixo status, denominadas *avoda aravit* (“trabalho árabe”), as quais os judeus de forma geral não estavam dispostos a desempenhar (KALIR, 2010, cap. 2, parágrafo 2).

Estes trabalhadores palestinos moravam em suas respectivas regiões de origem e diariamente transitavam entre as fronteiras para trabalhar em Israel. Isso resultou no aumento da participação de palestinos sem cidadania israelense que, em 1986, já representavam sete por cento da força de trabalho em Israel.

Entretanto, após a primeira *intifada*, em 1987, como consequência do levante palestino gerou-se uma desconfiança generalizada dos judeus em relação aos palestinos. Em 1993, Israel fechou as fronteiras com os territórios ocupados dificultando o trânsito dos trabalhadores palestinos, o que resultou na diminuição da participação dos palestinos na força de trabalho em Israel.

Esse contexto deu início ao processo de recrutamento de trabalhadores estrangeiros (em hebraico, *ovdim zarim*) de outras regiões do mundo, principalmente da Ásia (China, Tailândia, Filipinas, Nepal e Índia) e da Europa Oriental (Romênia, Bulgária e Moldávia) (KALIR, 2009, p.133). Primeiramente chegaram trabalhadores romenos para o setor da construção civil, seguidos de tailandeses para o setor agrícola e filipinos que trabalhavam cuidando de idosos e em trabalhos domésticos.

Em 1987, havia 2.500 trabalhadores estrangeiros temporários com permissões do Ministério do Trabalho de Israel. Esse número subiu para 9.600 em 1993, triplicou em 1994, chegando à estimativa de 103.000 em 1996. De 1997 a 2005, o número de permissões foi de cerca de 80.000 por ano. Isso levou à substituição gradual da mão de obra palestina por trabalhadores estrangeiros temporários na força de trabalho israelense que, em 1999, já representavam 10% do total da força de trabalho em Israel (KALIR, 2010, cap. 2, parágrafo 38).

Esses trabalhadores estavam segmentados da seguinte maneira: 72% na construção civil, 16% no setor agrícola, 7% como cuidadores de idosos e enfermeiros e 5% na indústria leve e também no setor hoteleiro e na indústria de alimentação (KEMP, 2000, p. 99).

Estes números, contudo, não contemplam os trabalhadores imigrantes ilegais que, por do conta de sua condição, ficam fora das estatísticas oficiais. A maioria dos imigrantes ilegais chega em Israel com um visto de turista e prolonga sua estada aproveitando as oportunidades de trabalho. Eles são provenientes de diversas partes do mundo: Jordânia, Egito, Marrocos, antiga União Soviética, Filipinas,

Tailândia, Romênia, China, Índia, Sri Lanka, África, Bulgária, Hungria, Polônia, Turquia e América Latina, formando um total de 141.000 pessoas, segundo dados de 2000 (KALIR, 2010, cap. 2, parágrafo 64, tabela 2.2).

3. O desenvolvimento das igrejas evangélicas nas comunidades imigrantes ilegais em Israel

Diferentemente dos trabalhadores palestinos que passavam o dia trabalhando em Israel mas não moravam ali, os imigrantes estrangeiros passaram, por razões óbvias, a habitar em Israel. Por consequência, sua participação na sociedade israelense pode ser muito mais nitidamente percebida, uma vez que não se restringe apenas ao ambiente de trabalho, mas também se estende a outras esferas da vida.

Assim como o caráter judaico democrático do Estado de Israel resulta na marginalização das minorias árabes, também é possível perceber o mesmo em relação aos trabalhadores estrangeiros (KALIR, 2010, cap. 2, parágrafo 6). O próprio termo *ovdim zarim* (hebraico para “trabalhadores estrangeiros”) expressa a marginalização destes indivíduos, uma vez que traz conotações religiosas ligadas à idolatria que é extremamente repudiada pelo judaísmo (KEMP, 2000, p. 100).

Marginalizados e invisíveis aos olhos do Estado no que diz respeito aos direitos políticos, sociais e civis, estes imigrantes ilegais se organizam e desenvolvem comunidades como estratégia de sobrevivência em meio a ausência de regulamentação estatal de seus ambientes de trabalho e condições de vida.

Dentre as diferentes instituições criadas para a organização social destas comunidades, além de clubes esportivos (como os campos de futebol entre os latino-americanos), discotecas, associações nacionais e regionais (como a União de Trabalhadores Africanos, de 1997) e associações de crédito rotativo, foram estabelecidas igrejas evangélicas em grande número.

Considerando Tel Aviv - Yafo e arredores, temos o seguinte quadro a partir da década de 1990: os latinos fundaram cerca de 10 igrejas evangélicas (KALIR, 2010, cap. 6), os africanos fundaram mais de 40 igrejas pentecostais (SABAR, 2004), os filipinos algumas outras poucas igrejas evangélicas e os romenos fundaram uma congregação adventista. Em 1998, uma igreja evangélica chinesa foi estabelecida em Tel Aviv (KALIR, 2009, p. 139). Michel Gherman (2009) discorre em seu artigo sobre o surgimento de duas igrejas pentecostais brasileiras em Israel também na

década de 1990: a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Universal do Reino de Deus.

Apesar de, desde 1948, existirem igrejas protestantes históricas, tais como: anglicanas, batistas e luteranas, além de igrejas católicas em Tel Aviv, é a estrutura descentralizada e multifacetada das igrejas evangélicas que facilita o seu crescimento tornando-as mais adaptáveis às circunstâncias e anseios das comunidades migrantes (KALIR, 2010, cap. 6, parágrafo 6-7).

Alguns imigrantes africanos, por exemplo, inicialmente frequentavam igrejas católicas e luteranas, conseguindo encontrar espaço junto às lideranças destas igrejas, trazendo clérigos africanos e integrando a liturgia existente com a liturgia africana. Outros, não se sentindo adaptados a esta situação, acabaram deixando essas instituições religiosas para estabelecer suas próprias igrejas (a Igreja Pentecostal, a Igreja Metodista, os Testemunhas de Jeová, entre outras) (SABAR, 2004, p. 414; KEMP, 2009, p. 102).

Entre os latinos, uma série de denominações já existentes em seus países de origem passaram a funcionar em Tel Aviv (tais como: “Rei dos reis”, “Assembleia de Deus”, “A Luz do Mundo”, “Príncipe da Paz” e “Embaixadores do Rei”) e outras começaram a surgir pela iniciativa de empreendedores religiosos locais que por motivos diversos rompem com essas instituições originárias da América Latina e abrem seus próprios trabalhos passando a competir no recrutamento ou conversão de fiéis em meio a comunidade latina (KALIR, 2010, cap. 6, parágrafo 14).

No caso das igrejas brasileiras, tais como a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Universal do Reino de Deus, ambas tiveram desenvolvimento similar no seu estabelecimento em Israel, que pode ser considerado como parte do processo denominado “expansionismo transnacional do pentecostalismo brasileiro” que se deu na América do Sul, América do Norte e Europa (GHERMAN, 2009, p. 57).

A igreja chinesa em Tel Aviv foi fundada em 1998 por um refugiado chinês convertido ao evangelicalismo em sua adolescência. Este iniciou um trabalho com um pequeno grupo de chineses em 1993, e cinco anos mais tarde, não podendo ignorar a presença da grande comunidade de trabalhadores chineses em Tel Aviv, decidiu abrir uma igreja no coração do bairro onde moravam estes trabalhadores (KALIR, 2009, p.139).

4. O papel das igrejas evangélicas nas comunidades imigrantes ilegais em Israel

Vamos abordar neste tópico o papel das igrejas evangélicas sobre as comunidades africanas, latino-americanas, brasileira e chinesa. Em cada uma destas comunidades, estas instituições religiosas desempenham papéis importantes. A força de coesão da religião na sociedade é um fenômeno conhecido.

A religião, seja como força espiritual ou fonte de identidade social, pertença e reconhecimento, é um poderoso componente na vida das pessoas, especialmente em tempos de incerteza e crises, como na migração. (SABAR, 2004, p. 408)

Em se tratando de comunidades de imigrantes ilegais nas quais essa força pode ser amplificada na formação da identidade destas comunidades em terra estranha e em especial no Estado de Israel, por toda a conotação religiosa judaico cristã atribuída ao Estado e à região pelas igrejas evangélicas que foram estabelecidas pelos trabalhadores imigrantes ilegais no país, novos significados podem ser verificados no papel destas igrejas na vida destas comunidades em Israel e também no retorno destes imigrantes à seus países de origem.

4.1. Entre os africanos

Segundo Sabar (2004, p. 408) a maioria dos africanos imigrantes em Israel se une a uma igreja assim que chegam no país e encontram nessas instituições assistência de todos os tipos: espiritual, social, econômica e política. Os imigrantes usam a sua religião e as instituições para ganhar legitimação nos países onde se fixam. Na África, a religião é um importante componente na vida dos africanos e as instituições religiosas do continente servem como um canal de expressão política e social. Em Israel, as igrejas africanas, ocupam um lugar amplo e central na vida de seus membros tomando o papel de outras tradições civis, políticas, econômicas e sociais da África.

Este papel estendido das igrejas africanas em Israel se dá tanto no campo espiritual quanto no campo social: “No reino espiritual, as igrejas substituíram a família e os líderes das comunidades tradicionais em rituais de passagem chaves, tais como casamento e as cerimônias fúnebres” (SABAR, 2004, p. 425). Assumindo

o papel de responsabilidade da família, amigos e líderes tradicionais as igrejas acumularam um pouco da autoridade e da ligação emocional dessas figuras.

No campo social, as igrejas acolhem os recém-chegados não somente com amizade e solidariedade, mas também com assistência prática, indicando como encontrar uma casa e um trabalho, visitando os doentes e coletando fundos para ajudar os membros com dificuldades financeiras. Assim, as igrejas se tornaram também um lugar de atividade econômica e de disseminação de informação e educação. Além disso, elas ajudam seus membros a manterem suas conexões com a África e com o resto do mundo cristão e assumem um papel também político na vida dos imigrantes africanos, algumas vezes em conjunto com a União de Trabalhadores Africanos.

4.2. Entre os latino americanos

Segundo Kalir (2010), as igrejas evangélicas latino-americanas em Israel desempenham três papéis claros na vida de seus membros: papel social, papel moral e papel teológico.

As atividades religiosas nas igrejas evangélicas latinas envolvem um forte elemento social em seu desempenho. O alívio espiritual e a socialização são estreitamente conectados nas cerimônias religiosas e ainda existem atividades recreacionais (comemoração de festividades seculares, *tours* por Israel, piqueniques, etc). Com isso as igrejas conseguem oferecer espiritualidade individual com um forte senso de comunidade, coesão e unidade entre os membros. Unem a convicção religiosa com a dedicação social (compartilhando oportunidades de emprego, levantando fundos para auxiliar algum irmão que passa por necessidade, promovendo esquemas de crédito rotativo, etc.). A ampla matriz de atividades e suporte econômico e espiritual voltado para o social fornecido aos membros ampliam as funções destas igrejas e reforçam o lugar delas como eixo em torno do qual a vida dos membros circula.

As igrejas evangélicas são em geral muito eficazes em disciplinar seus membros a participar das atividades, pagar os dízimos e manter um estilo de vida saudável. Essas demandas são relacionadas à santificação do corpo e ao legado de Jesus quanto à conduta respeitosa. Essa busca de um estilo de vida saudável é muito produtiva quando aplicada à pessoas que vieram de um contexto instável

como é o caso dos imigrantes ilegais. A teologia da prosperidade (associação de prosperidade material à benção divina) também tem alguma responsabilidade nesse sentido. A figura de autoridade e paterna do pastor como um mentor é procurada para os problemas mais íntimos, que são tratados de diversas formas: desde cerimônias para libertação da influência maligna até através de conselhos bastante práticos. Existe também a preocupação com a conduta dos membros. A fofoca é um meio muito comum de informar os pastores sobre alguma conduta inadequada de algum membro, que em alguns casos poderia ser expulso por não seguir os padrões morais de conduta esperados pelos evangélicos. Na prática, o autor percebeu que os membros com comportamento imoral normalmente eram perdoados (por convicção religiosa do arrependimento do pecador e também devido à competição entre as igrejas).

Quanto ao papel teológico, existem três grandes visões escatológicas no cristianismo protestante ligadas ao milênio (reinado de Cristo cumprindo sua missão messiânica), dentre elas o pré-milenismo defende uma visão literal deste cumprimento e entende o ressurgimento de Israel no cenário político mundial como uma intervenção divina na história. Essa é a visão escatológica predominante nas igrejas evangélicas pentecostais. Pastores em Israel enfatizam suas orientações e ensinam o motivo teológico do sionismo cristão que resulta em um suporte inquestionável, baseado em supostas bases bíblicas, para todas as ações do estado de Israel.

No contexto de exclusão em que vivem os imigrantes ilegais, o sionismo cristão produz três resultados, segundo Kalir (2010):

A. Senso de pertença, apesar do estado oficialmente rejeitá-los: a missão das igrejas perante os judeus não é de convertê-los ao cristianismo, mas de reconectá-los à sua própria religiosidade judaica. Os judeus estão em um estado de cegueira espiritual pois estão secularizados e muitos estão atrasando seu retorno para Israel. Pastores tentam diminuir as diferenças entre judeus e evangélicos ressaltando a crença em um mesmo livro (Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento). O Islão é indicado como bode expiatório, como uma ameaça às tradições judaico-cristãs. A identificação é tal que o autor apresenta alguns depoimentos de evangélicos que gostariam de servir o exército para lutar contra os muçulmanos;

B. Comprometimento das ambições políticas criando uma esfera pública apolítica: mitigando as iniciativas políticas e protestos diante da polícia repressiva, o

sionismo cristão é usado para justificar e compreender as ações do Estado. As igrejas evangélicas neutralizam teologicamente o potencial de rebelião de seus membros. Os pastores não se envolvem em política para evitar se tornarem alvos da polícia, pois, assim como os membros, são imigrantes ilegais. A deportação é vista como um ato divino de redirecionamento da vida do fiel.

C. Facilitação da cooperação tornando os evangélicos mais dóceis e submissos em sua interação com os israelitas com mais chances de estabelecer relações efetivas de trabalho com seus empregadores: os evangélicos em Israel são espiritualmente direcionados à aproximação com os judeus e se vêem como aliados dos judeus em sua obra divina e, assim, encaram toda a oportunidade de trabalhar em Israel como uma benção divina. Os evangélicos são reconhecidos como bons trabalhadores e com bom relacionamento com seus empregadores.

4.3. Entre os brasileiros

Segundo Gherman (2009, p. 58): “Ainda que seja em número reduzido, a presença do pentecostalismo brasileiro na Terra Santa não pode ser considerada de pouca importância.” Apesar de tratar mais a respeito do desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro em Israel, analisando o surgimento da Congregação Cristã do Brasil e da Igreja Universal do Reino de Deus, o autor destaca a importância simbólica, teológica, política e social destas igrejas. Diferentemente das igrejas evangélicas latino-americanas em Israel, as igrejas brasileiras tentam desenvolver uma cultura pentecostal autônoma. Existe uma tendência de identificação com o sionismo, com objetivo de serem aceitas como parte legítima da sociedade israelense. Apesar desse mecanismo de identificação inicial, quando em contato com o Israel Real, em oposição ao um judaísmo mítico, ocorre uma desconstrução desse pró-sionismo original. De um lado, o desenvolvimento das igrejas aponta para o apoio ao Estado, mas por outro lado, elas estão sujeitas a limitações impostas pelo Estado ao seu estabelecimento.

Outro fato digno de nota é a preservação de símbolos religiosos brasileiros, o que dá origem ao que o autor chama de dupla conversão de seus membros: ao pentecostalismo e a “brasilianismo”. As representações de Deus e do Diabo, este último denominado de Exu devido ao contato e conflito do pentecostalismo brasileiro

com as religiões afro-brasileiras, são dadas em dimensões brasileiras, assim como as datas comemorativas estão ligadas às perspectivas brasileiras.

4.4. Entre os chineses

O papel das igrejas evangélicas em Israel em relação aos imigrantes chineses é bastante diferente do que pudemos ver acerca das demais comunidades apresentadas. Segundo Kalir (2009, p. 141), alguns dos papéis típicos das igrejas evangélicas na vida dos imigrantes em geral estão ausentes no caso da comunidade chinesa: as igrejas não facilitam a fixação dos imigrantes chineses em Israel, uma vez que os imigrantes possuem clara intenção de retornar para a China; o papel educacional da igreja sobre as crianças não se estabelece, uma vez que os imigrantes não trazem seus filhos; e a igreja chinesa desempenha um papel muito limitado na assimilação dos chineses na sociedade israelense.

Por outro lado, o autor aponta três benefícios que os chineses encontram ao filiarem-se à igreja evangélica em sua estada em Israel e que levam consigo para a China em seu retorno do período imigratório:

A. O capital cultural do cristianismo: a igreja apresenta-se como uma tutora da modernidade. Para muitos chineses ser um cristão significa ser ocidentalizado, moderno e próspero economicamente.

A ética protestante (à la Weber) que enaltece o já existente espírito capitalista entre os imigrantes chineses. [...] Ensinando aos membros que o trabalho duro, disciplina e sobriedade são valores que constituem parte da ética cristã é muito encorajador ao povo chinês que já está fazendo o seu melhor para enfrentar as condições de dificuldade a fim de alcançar sua metas econômicas como imigrantes. (KALIR, 2009, p.144).

A teologia da prosperidade pregada nas igrejas evangélicas está bastante em linha com a orientação do governo chinês ao povo em relação ao enriquecimento e ao comportamento perante o livre mercado, e se torna um valor importante no retorno desses imigrantes à sua terra natal.

B. O capital simbólico do cristianismo: ao retornar à China, os imigrantes convertidos têm na religião a distinção simbólica em relação aos não imigrantes. “Se tornar um cristão é uma forma poderosa, juntamente com a construção de uma nova casa ou o início de um novo negócio, desses imigrantes demonstrarem sua

realização de mobilidade ascendente e conquista de uma melhor posição social” (KALIR, 2009, p. 147).

C. O capital social do cristianismo: o senso de comunidade que as igrejas evangélicas estabelecem é muito forte e permite a interação dos imigrantes semanalmente fortalecendo os vínculos sociais entre eles:

“...o capital social que os membros acumulam em Israel também resulta na configuração de novas redes sociais na China. [...] A existência de tal “cola religiosa” facilita a formação de redes sociais novas e potencialmente beneficentes para os que retornam com a experiência migratória compartilhada e a conquista de uma nova posição social e riqueza econômico.” (KALIR, 2009, p. 149)

5. Considerações finais

Após apresentar o contexto que resultou na substituição da mão de obra palestina por trabalhadores imigrantes estrangeiros em Israel e de forma resumida o desenvolvimento das igrejas evangélicas africanas, latino-americanas, brasileiras e chinesa, foi possível observar o importante papel dessas igrejas em diversas esferas da vida dos imigrantes durante sua permanência em Israel e, em alguns casos, como no da comunidade chinesa, um papel estendido e até mais relevante no retorno desses imigrantes à sua pátria.

As igrejas evangélicas das comunidades imigrantes em Israel, com exceção da comunidade chinesa, ocupam um papel central na vida dos imigrantes em sua estada em Israel que transcende a função espiritual. Elas desempenham um papel social, em alguns casos, substituindo seus familiares que estão distantes e, também, trazendo um senso de pertença a estes imigrantes marginalizados pela ilegalidade dentro do Estado Israelense e suas diversas rupturas nacional, social/econômica, étnica, religiosa e ideológica. Exercem também um papel moral, exortando a uma vida disciplinada e trabalhadora que se torna uma qualidade perceptível aos empregadores israelenses. Ainda geram benefícios que ultrapassam as fronteiras de Israel, como no caso dos imigrantes chineses que carregam consigo lições de modernidade e um capital simbólico e social cristão em seu retorno para a China que resultam em ganhos adicionais além dos financeiros obtidos durante seu período de trabalho em Israel.

Bibliografia

CARMELI, Y. S., APPLEBAUM, K. *Consumption and Market Society in Israel*. Oxford: Berg, 2004. p. 208.

GHERMAN, Michel. Deus e o Diabo na Terra Santa: pentecostalismo brasileiro em Israel. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v.1, n.1, jan-jun 2009, pp. 56-71.

KALIR, Barak. *Latino migrants in the Jewish state: undocumented lives in Israel*. Indiana, 2010, p. 282.

KALIR, Barak. Finding Jesus in the Holy Land and Taking Him Back Home to China, *Sociology of Religion* 70, 2, 2009, pp. 130-156.

KEMP, Adriana; RAIJMAN, Rebeca et al. Contesting the limits of political participation: latino and black African migrant workers in Israel. *Ethnic and Racial Studies*, 23:1, 2000, pp. 94-119.

_____. *Consuming the Holy Spirit in the Holy Land: Evangelical Churches, Labor Migrants and the Jewish State*. Oxford: Berg, 2004, pp. 163-184.

SABAR, Galia. African Christianity in the Jewish State: Adaptation, Accommodation and Legitimation of Migrant Workers' Churches. *Journal of religion in Africa*, vol. 34, fasc. 4, nov. 2004, pp. 407-437.